



HOMENAGEM AO PROF. CARLOS FERREIRA DE MIRANDA *

*«Vem por aqui!» – dizem-me alguns com olhos doces
Estendendo-me os braços e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: «vem por aqui!»
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)
E cruzo os braços, E nunca vou por ali ...*

...

*Não, não vou por aí: só vou por onde
me levam os meus próprios passos ...
Se ao que busco saber nenhum de vós responde
Porque me repetis: «vem por aqui!»?*

...

*Como, pois sereis vós
Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...
Corre nas vossas veias sangue velho dos avós,
E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos ...*

...

*Ah! Que ninguém me dê piedosas intenções!
Ninguém me peça definições
Ninguém me diga: «Vem por aqui!»
A minha vida é um vendaval que se soltou
É uma onda que se levantou
É um átomo a mais que se animou ...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou
Sei que não vou por aí!»*

O poema «Cântico Negro» de José Régio, de que acabo de ler passagens, era dos poemas preferidos do Prof. Carlos Miranda. E era-o porque retratava em larga medida a sua própria maneira de ser. Homem de espírito crítico em relação a tudo o que o rodeava, extremamente lúcido e inteligente, perfeccionista o mais das vezes, tinha uma qualidade rara que o poema de Régio evidencia: a independência. E foi subordinado ao tema «A independência e a universidade» a sua oração de sapiência, proferida nesta mesma sala no dia 1 de Dezembro de 1981. Não foi o Prof. Carlos Miranda o que é costume chamar-se um «homem do sistema» e não o foi, não por falta de mérito ou de ocasião, mas por opção consciente, cioso sempre da sua liberdade nos mais diversos campos: científico, político, religioso e moral.

Chegou a Évora, ao então Instituto Universitário, no Verão de 1977. Foram a luz, os vastos campos a perder de vista, esta sensação de imensidão e calma que o Alentejo nos dá que o fixaram cá. Há catorze anos em Paris, numa sociedade que se tornara demasiado consumista e competitiva para o seu gosto, sentia já a nostalgia do emigrante que se encontra afastado há demasiado tempo das suas raízes. O 25 de Abril de 1974, as esperanças então geradas, o ambiente de liberdade e alegria que se viviam um pouco por todo o lado em Portugal, fizeram-no voltar.

A possibilidade de ingressar em escolas com maior tradição e prestígio, nomeadamente no domínio da Química, tal como a Faculdade de Ciências de Lisboa, para a qual havia sido convidado, não o entusiasmou. Ao invés, trabalhar numa Universidade que se apresentava como pólo de desenvolvimento numa região carenciada, tão pequena que todos se conheciam e tão jovem que nela se podiam acalantar todos os sonhos afigurou-se ao Prof. Carlos Miranda como um desafio irrecusável. Foi assim que em Fevereiro de 1978 iniciou a sua actividade no Instituto Universitário de Évora. Durante os três primeiros anos manteve um vínculo ao Centre National de Recherches Scientifiques, onde trabalhava em Paris, desempenhando funções a meio tempo nas duas instituições. Deste facto veio a beneficiar a nossa Universidade através de um intercâmbio de investigadores e de bibliografia no domínio dos projectos de investigação em curso comuns às duas instituições.

Mas recuemos de novo a 1978. O então Reitor do Instituto Universitário de Évora, Prof. Ário Azevedo, havia incumbido o Prof. Carlos Miranda não só de tarefas docentes e de investigação mas também da orientação da Secção de Química, então como agora, integrada na Área Departamental de Ciências Exactas. Éramos um pequeno grupo de quatro assistentes e um preparador e dispúnhamos de um único laboratório, situado no piso zero do Conventinho, que viria mais tarde a transformar-se no laboratório de Análise de Águas. Na nossa condição de assistentes pioneiros assegurávamos o melhor que podíamos e sabíamos os ensinamentos das Químicas Gerais e Bioquímica aos alunos dos Bacharelados em Produção Animal e Vegetal, Planeamento Biofísico e Arquitectura Paisagista. No que respeita à investigação existiam então dois projectos embrionários: um no domínio da Química dos Solos, donde viria a nascer o meu trabalho de doutoramento e outro no da Fermentação Metanogénica de que se ocupava o Eng. Irineu Batista.

Foi preocupação do Prof. Carlos Miranda desde o início dotar a Secção, e mais tarde o Departamento, de pessoal docente jovem, cuja formação científica e pedagógica se processasse no seio da própria Universidade. Outra preocupação sua, que deixava expressa na letra das propostas de contratação de pessoal, era a de, e passo a citar, «dar preferência ao espírito de cooperação em detrimento do espírito de competição». Pugnou sempre pela existência de um clima de entendimento e tolerância recíproca entre os elementos do Departamento e sob uma aparência altaneira devotada às pessoas respeito e amizade.

No plano da investigação científica não foi fácil logo à partida a sua missão em Évora. Foi encarregado da criação de um laboratório de Química Agrícola destinado a dar apoio à agricultura e à pesquisa. Volvidos que foram apenas cinco meses da sua chegada a Évora, mais precisamente no mês de Julho de 1978, estava concluído e entregue para execução o projecto do referido laboratório. E estava-o, ao mais pequeno detalhe: planeamento de operações e metodologia,

* Oração proferida pela Prof.^ª Manuela Motta na Sessão de Homenagem ao Prof. Carlos Ferreira de Miranda, na Universidade de Évora, a 5 de Dezembro de 1990.

equipamento, divisão do espaço disponível, mobiliário, etc. Tal só foi evidentemente possível graças a uma disciplina de trabalho impressionante e a uma imaginação criadora notável do Prof. Carlos Miranda tinha a felicidade de possuir.

Nos anos que se seguiram desenvolveu e ampliou o projecto de investigação sobre Química dos Solos tendo dedicado especial atenção ao estudo da mobilidade e fixação de micronutrientes em solos. O mesmo sucedeu com o projecto Digestão Metanogénica que foi integrado no Centro de Ecologia Aplicada do INIC.

A criação de um laboratório de Química Agrícola implicou da parte do Prof. Carlos Miranda não só a feitura do seu projecto mas também a formação de técnicos especializados em análises de solos, plantas e águas, nomeadamente a Dr.^a Maria de Lurdes Pimenta da Silva, a Eng.^a Maria do Céu Serralheiro, a Sr.^a D. Maria Helena Carvalho, o Sr. Henrique Bilou Chaveiro e o Sr. Amílcar Romão. Todo este processo desenvolveu-se no período de 1978 a 1986 e só neste último ano foi o laboratório de Química Agrícola instalado na Herdade Experimental da Mitra. A morosidade e a complexidade da instalação do laboratório, bem como a atribuição da sua direcção a uma outra pessoa foram motivo de tristeza para o Prof. Carlos Miranda e constituíram o primeiro passo para o seu distanciamento dos problemas desta Universidade. Mesmo assim, e porque era um sonhador, à criação do laboratório de Química Agrícola sucedeu a de um Laboratório de Análises de Águas, que desempenhou um papel significativo na prestação de serviços à comunidade e no apoio à investigação. A Direcção Regional da Hidráulica do Sul, a DRENA, a Hidrotécnica Portuguesa, a Câmara Municipal de Évora, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil constituem apenas exemplos de utilizadores dos serviços do referido Laboratório de Análises de Águas. Também no campo da investigação apoiou projectos do Departamento de Química e doutros Departamentos, nomeadamente o de Biologia; desenvolveu por outro lado um projecto de investigação próprio respeitante à caracterização química da eutrofização da Albufeira do Divor.

Mas não é só nos domínios da investigação e da extensão que a actividade do Prof. Carlos Miranda é digna de referência. Também aos ensinamentos dedicou grande parte do seu tempo e do seu ânimo. A criação em fins de 1978 das licenciaturas em Ensino de Biologia e Geologia vieram aumentar consideravelmente a responsabilidade em ensino da Secção que dirigia. O número de disciplinas de Química foi ampliado de 4 para 20. Houve que estabelecer planos curriculares, elaborar programas bem como projectar laboratórios que pudessem fazer face ao surgimento das novas licenciaturas. Tudo isto foi feito e, não obstante as dificuldades de contratação de pessoal docente e a exiguidade de verbas disponíveis, todas as novas disciplinas, à excepção de duas cadeiras de opção do último ano, foram postas a funcionar na devida altura. Para obviar ao facto do Departamento de Química não dispor ainda de doutorados em muitas das áreas em que oferecia ensinamentos, convidou o Prof. Carlos Miranda Professores de outras Universidades a prestarem colaboração por períodos mais ou menos longos no nosso Departamento. Contámos assim com a colaboração dos seguintes Professores: Alzira Almoester, César Viana, Rui Carvalho Pinto, Peixoto Cabral, Fernando Sales, Jaques Calazans e Cruz Morais.

Em 1988, e ao fim de dez anos ao longo dos quais desempenhou as funções de orientador do Departamento de Química, pediu o Prof. Carlos Miranda a sua demissão deste lugar. Não foi como já referi, um «homem do sistema», pois se o tivesse sido teria por certo desempenhado outros cargos directivos na Universidade e fora dela para cujo exercício não lhe faltavam nem conhecimentos nem competência. Contudo as alianças político-institucionais e as corridas ao poder chocavam como o seu espírito de independência.

Ao longo dos doze anos durante os quais trabalhei com o Prof. Carlos Miranda pude apreciar as suas qualidades de investigador, de professor e de chefe de Departamento. Punha paixão em tudo o que fazia. Foi com ele que aprendi a importância do rigor e da estética no trabalho de laboratório, a necessidade de pôr sistematicamente em causa os resultados obtidos e as conclusões alcançadas que passo a citar, «só poderemos tomar como certas quando não conseguirmos demonstrar que estão erradas». Nos seus trabalhos nada ficava esquecido, os mais pequenos detalhes eram dignos de atenção. Os seus resultados eram definitivos. Tive a felicidade de o ter como único orientador do meu doutoramento e cabe-lhe uma influência decisiva na minha formação como investigadora e como docente.

A sua acção pedagógica fez-se sentir não só nos ensinamentos das Químicas mas também na formação de numerosos técnicos e investigadores que com ele trabalharam e cujos perfis científicos ajudou a construir. Alguns são hoje professores universitários, outros optaram pela carreira de investigação. Muitos nomes poderiam ser citados, direi apenas alguns, pedindo desculpa pelas omissões: Maria de Lurdes Simões Gonçalves, João Lopes Batista, Manuel Rosa Nunes, Madame Martin, Boris Myassoedov, Maria de Lurdes Pimenta da Silva, Santos Arteiro, Bilou Cheveiro.

Como professor teve a seu cargo a regência de várias disciplinas, a saber: Noções Básicas de Química, Química Inorgânica, Química Analítica, Análise Instrumental e Química dos Elementos de Transição, mas sem sombra de dúvidas foi a Química Inorgânica a sua disciplina de eleição. Discípulo da Prof.^a Branca Edmée Marques, da Faculdade de Ciências de Lisboa, dela recebeu numerosas influências quer no domínio da investigação em Radioquímica quer no domínio do ensino em Química Inorgânica. Foi seu assistente, logo após a conclusão da licenciatura, e dela herdou o ensino virado para o conhecimento descritivo das espécies químicas valorizando, passo a citar, «a memorização não linear, mais enriquecedora do que memorização linear, dedutiva». Não era um professor fácil pois para poderem seguir as suas aulas era necessário aos alunos terem uma boa cultura básica em química, uma boa cultura geral e gostarem minimamente do que estavam a aprender. Ora, como sabem, estas condições nem sempre se cumprem. Fui sua assistente em Química Inorgânica e posso testemunhar o rigor e a clareza das suas exposições. Ficaram célebres algumas questões de pontos de exame, nomeadamente a da «tragédia de D. Maria, seu gato friorento e da braseira tradicional» e a do «diálogo do velho Dr. Nimbus, mais experimentalista que teórico, com o jovem Prof. Tornezol.

Atrevo-me a dizer que a morte do Prof. Carlos Miranda é apenas parcial. Já não o podemos ver nem ouvir. Permanecem, no entanto, as suas ideias no espírito daqueles que formou, a sua presença continua viva nos laboratórios que criou, nas disciplinas que regeu. Permanece também viva no coração daqueles que amou e que o amaram.

Muito se disse e muito ficou por dizer. O Homem é sempre maior do que a Obra, defini-lo é impossível como nos diz António Gedeão.

*«Inútil definir este animal aflito
Nem palavras,
Nem cinzéis,
Nem acordes,
Nem pincéis
São gargantas deste grito.
Universo em expansão
Pincelada de zarcão
Desde mais infinito
a menos infinito.»*